



A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: UM DIÁLOGO COM O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL.

Alexsandro da Silva Lima ¹
Erika Paiva de Lima²
Gislaine Morais da Silva³
Ana Paola Diniz ⁴
Miriam d'Emery Alves ⁵

RESUMO

Acredita-se que a relação professor-aluno é uma forma de interação que dá sentido ao processo educativo e é de suma importância para o ensino aprendizagem, assim direcionando a discussão para o aspecto afetivo e sua relevância no âmbito da educação infantil; este artigo científico tem como objetivo compreender como tal afetividade contribui na relação professor e aluno a ponto de gerar impactos no processo de ensino-aprendizagem do aluno da educação infantil, tudo isto através de procedimentos metodológicos apoiados na pesquisa bibliográfica baseando-se principalmente nas teorias sócio-interacionistas de Vigotsky (1984) e Wallon (1978), explanou-se o conteúdo teórico bibliográfico deixando evidente a importância da afetividade, correlacionou-se tal importância com uma análise de dois casos práticos, ambos com alunos de idades entre 3 e 6 anos em duas escolas/creches diferentes do estado de São Paulo sendo o segundo com alunos com deficiência visual, desta forma pode-se então concluir que a afetividade que se manifesta na relação professor-aluno constitui sim um elemento inseparável do processo de construção do conhecimento. A afetividade entre professores e alunos, surge então como uma ponte para aproximar fatores que são cruciais na construção do conhecimento, possibilitando laços entre os principais atores do meio educacional, onde os alunos vão se sentir seguros em todos os momentos, inclusive em questões relacionadas com o erro, onde através dele se dará a aprendizagem significativa. Colaborando também em relação com a adaptação dos alunos na educação infantil, seja na creche 0-3 anos, ou na pré-escola 4-5 anos, onde a afetividade ganha maior destaque na educação infantil aliada com outros fatores para melhor adaptação dos alunos.

Palavras-chave: Relações Humanas; Conhecimento; Interação Pedagógica.

INTRODUÇÃO

¹ Docente da Rede Municipal de Educação de Correntes - PE, alexsandrolima16@hotmail.com

² Graduanda em Pedagogia da Universidade Paulista – UNIP, erikapaiva344@gmail.com

³ Graduanda em Pedagogia da Universidade Paulista – UNIP, gislainemorais29@gmail.com

Graduanda em Pedagogia da Universidade Paulista – UNIP, anapaoladinizz@gmail.com

Graduanda em Pedagogia da Universidade Paulista – UNIP, miriamdemery@gmail.com



É de conhecimento científico e popular a importância da relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem, principalmente na educação infantil. Assim, direciona-se a discussão para o aspecto afetivo e sua relevância no âmbito da educação infantil, por compreender-se que o afeto é inerente a todo relacionamento, sendo este o principal componente nas relações humanas tomando como base as teorias sócio-interacionistas de Vigotsky (1984) e Wallon (1978) em que ambos focam no caráter social da aprendizagem, e na pedagogia construtivista, especificamente na teoria interacionista de Piaget (1972).

Esta pesquisa, cujo tema é a influência da afetividade na relação professor-aluno: contribuições no processo de ensino-aprendizagem para educação infantil, terá como objetivo compreender como a afetividade contribui na relação professor e aluno a ponto de gerar impactos no processo de ensino-aprendizagem do aluno da educação infantil, pois sabe-se que as relações humanas também interferem e são de suma importância para a formação cidadã do aluno. Além do que a afetividade desempenha um papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, assim como a postura do professor em sala de aula e o afeto existente durante todo o processo formativo do aluno refletirão, no fim, na aprendizagem do aluno.

Ao pensar que é a partir da relação com o outro, através do vínculo afetivo que uma criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim, conquistando avanços significativos no âmbito cognitivo, começa-se a perceber a importância fundamental do papel do vínculo afetivo também no decorrer do desenvolvimento infantil, constituindo-se como essencial para o funcionamento da inteligência da criança, pois os vínculos afetivos vão ampliando-se e a partir daí surge a figura do professor que carrega com si, uma grande importância no processo de ensino e aprendizagem escolar infantil.

Assim, acredita-se que a relação professor-aluno é uma forma de interação que dá sentido ao processo educativo, uma vez que é no coletivo que os sujeitos elaboram conhecimentos como afirma Tassoni (2000) ao falar sobre a importância da afetividade no processo formativo do aluno e como ela se manifesta de forma a constituir um elemento inseparável do processo de aprendizagem e por fim influir na própria qualidade da interação pedagógica conferindo um sentido afetivo para o objeto de conhecimento.

METODOLOGIA



A natureza do estudo contemplará procedimentos metodológicos apoiado na pesquisa bibliográfica, em que haja estudos de casos envolvendo a afetividade em escola de educação infantil e a relação existente com a aprendizagem, baseando-se principalmente nas teorias sócio-interacionistas de Vigotsky (1984) e Wallon (1978) em que ambos enfocam no caráter social da aprendizagem, destacando o papel das relações sociais.

O acesso à bibliografia foi feito eletronicamente e consistiu em pesquisar na internet dois artigos científicos através do site de periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que contenham informações sobre experiências práticas com uso da afetividade no âmbito escolar, e assim discutir o resultado de tais propostas, e correlacioná-los com a aprendizagem do aluno.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. INTERAÇÕES SOCIAIS E CONHECIMENTO ESCOLAR

Atualmente, o docente reconhece suas possibilidades e limitações e, nesse sentido, a dinâmica ensino-aprendizagem que envolve a interação professor-aluno deve abranger todos os aspectos, englobando assim as suas condições de vida, sua relação com a escola, a percepção e a compreensão do conhecimento sistematizado a ser estudado.

É fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (FREIRE 1996, P.43).

Para que exista tal relação Wallon (1978) entende que a primeira relação do ser humano ao nascer é com o ambiente social, ou seja, com as pessoas ao seu redor. As manifestações iniciais do bebê assumem um caráter de comunicação entre ele e o outro, sendo vistas como o meio de sobrevivência típico da espécie humana.

Os únicos atos úteis que a criança pode fazer consistem no fato de, pelos seus gritos, pelas suas atitudes, pelas suas gesticulações, chamar a mãe em seu auxílio(...).



Portanto, os primeiros gestos (...) não são gestos que lhe permitirão apropriar-se dos objetos do mundo exterior ou evitá-los, são gestos dirigidos às pessoas, de expressão (WALLON 1978, P. 201).

Vygotsky (1994), por sua vez, defende que é através da interação com outros que a criança incorpora os instrumentos culturais. Ao destacar a importância das interações sociais, traz a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Portanto, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo.

Apropriando-se das práticas culturalmente estabelecidas, ela vai evoluindo das formas elementares de pensamento para formas mais abstratas, que a ajudarão a conhecer e controlar a realidade. Nesse sentido, Vygotsky destaca a importância do outro não só no processo de construção do conhecimento, mas também de constituição do próprio sujeito e de suas formas de agir. Segundo o autor, o processo de internalização envolve uma série de transformações que colocam em relação o social e o individual.

Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social e, depois no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica) e, depois, no interior da criança (intrapicológica) (VYGOTSKY 1994, P 75).

2. ASPECTOS AFETIVOS NA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Partindo desse pressuposto, o papel do outro no processo de aprendizagem torna-se fundamental. Consequentemente, a mediação e a qualidade das interações sociais ganham destaque. Na verdade, são as experiências vivenciadas com outras pessoas que irão marcar e conferir aos objetos um sentido afetivo, determinando, dessa forma, a qualidade do objeto internalizado. Nesse sentido, pode-se supor que, no processo de internalização, estão envolvidos não só os aspectos cognitivos, mas também os afetivos. Neste ponto é onde se abre um espaço para investigações científicas abordando a influência dos aspectos afetivos no processo de aprendizagem.

A relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorrem a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar. A base desta relação vincular é afetiva, pois é através de uma forma de comunicação emocional que o bebê mobiliza o adulto,



garantindo assim os cuidados que necessita. Portanto, é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem. Seu status é fundamental nos primeiros meses de vida, determinando a sobrevivência (Wallon, 1978).

Da mesma forma, é a partir da relação com o outro, através do vínculo afetivo que, nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim, conquistando avanços significativos no âmbito cognitivo. Nesse sentido, para a criança, torna-se importante é fundamental o papel do vínculo afetivo, que inicialmente apresenta-se na relação pai-mãe-filho e, muitas vezes, irmão(s). No decorrer do desenvolvimento, os vínculos afetivos vão ampliando-se e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem, na época escolar.

Toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professor, conteúdo escolar, livros, escrita, etc., não acontecem puramente no campo cognitivo, existe uma base afetiva permeando essas relações.

As experiências vividas em sala de aula ocorrem, inicialmente, entre os indivíduos envolvidos no plano externo (interpessoal). Através da mediação, elas vão se internalizando (intrapessoal), ganham autonomia e passam a fazer parte da história individual. Essas experiências também são afetivas. Os indivíduos internalizam as experiências afetivas com relação a um objeto específico. Nesse sentido, é na interação com o outro que tais experiências acontecem e o que se espera é que neste mesmo sentido e de forma inter-relacionada e dependente entre si, caminhe o ensino e a aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo de caso feito por Tassoni (2000) foi realizado para sua pesquisa de mestrado a partir dos resultados obtidos numa pesquisa feita na Escola Comunitária de Campinas em São Paulo e teve a pretensão de demonstrar como alguns fatores afetivos se apresentam na relação professor-aluno e a sua influência no processo de aprendizagem. Para tanto baseou-se em observações realizadas em três classes, com



crianças de seis anos em média. As observações iniciais foram registradas em vídeo e focalizaram as interações entre o professor e o aluno durante as atividades que envolviam a linguagem escrita. Ao realizar as transcrições das imagens vídeogravadas, foi possível identificar, num primeiro momento, possíveis aspectos afetivos que permeavam a relação professor-aluno durante a atividade. Foi escolhida a técnica da autoscopia que consiste em realizar uma vídeo-gravação do aluno e posteriormente, submetê-lo à observação do conteúdo filmado para que expresse comentários sobre ele. Durante as sessões de autoscopia, cada aluno, individualmente, assistia às imagens vídeo gravadas onde ele aparecia numa situação de interação com o professor durante uma atividade, envolvendo a produção escrita. Inicialmente, o aluno realizava comentários espontâneos a respeito do que via e, depois, exploravam-se, através de perguntas, situações específicas da interação professor-aluno que se apresentava. A análise dos dados consistiu, numa primeira etapa, em articular a coleta realizada em sala de aula, através de vídeo gravações e a coleta realizada com os alunos nas sessões de autoscopia. A segunda etapa do processo de análise consistiu em trabalhar com os dados coletados durante as entrevistas com as professoras. Tais dados foram utilizados para confirmar os aspectos afetivos nas relações em sala de aula, além de avaliar o nível de consciência que existia, por parte das professoras, com relação à interdependência dos aspectos afetivos e cognitivos.

O segundo estudo de caso feito por Santos (2011) para sua monografia do curso de especialização em desenvolvimento humano educação e inclusão Centro de Pesquisa e Reabilitação Visual de Itapetinga em parceria com a prefeitura da cidade e tem cerca de trinta alunos de educação infantil de cinco a sete anos. Pretendeu-se demonstrar, assim como o outro estudo de caso, como a afetividade se apresenta na relação professor-aluno e a sua influência no processo de aprendizagem, só que em crianças com deficiência visual. Para tanto baseou-se em uma pesquisa com seis professores através de um questionário semi aberto contendo sete perguntas sobre deficiência visual e abordando principalmente a importância da afetividade na postura do professor, daí realizou-se uma análise descritiva e posteriormente uma análise interpretativa dos resultados obtidos. Analisaremos esse questionário apenas pela última pergunta, que foi a essência do trabalho da autora, onde foi questionado “o quanto a afetividade é importante no processo de ensino aprendizagem?”.



As duas categorias de análise identificadas na pesquisa – Postura e Conteúdo Verbal – constituíram-se em fortes veículos de expressão da afetividade. Nas condições observadas, foi através de ambas as categorias que os aspectos afetivos se manifestaram na mediação professor-aluno. Com relação às posturas das professoras, o que mais se observou foi a frequência com que se mantinham próximas de seus alunos e a forma como os acolhiam fisicamente em suas necessidades e estabeleceram grande cumplicidade no processo de aprendizagem e foram extremamente valorizadas por eles, como fala o sujeito 2: “___. Quando ela fica perto ajuda sim. Eu gosto. Eu faço o trabalho melhor.”. Para eles, a presença da professora teve um efeito bastante positivo, permitindo que trabalhassem melhor. Assim, os dados revelaram que a proximidade 15 entre as professoras e os alunos proporcionou variadas formas de interação. Os dados revelaram também que existiu uma intencionalidade na ação das professoras ao aproximarem-se de seus alunos, pois elas buscavam atuar no aspecto cognitivo via afetivo – aproximando-se para melhor detectar as dificuldades, para encorajar e ajudar com maior eficiência. O Contato Físico, outro aspecto relacionado com a postura, também apareceu como uma forma de interação bastante afetiva, ocorrendo em vários momentos durante a realização da atividade. Surgiu enquanto os alunos escreviam ou liam para a professora, quando se aproximavam dela para perguntar alguma coisa ou, ainda, foram observados acompanhando um elogio em virtude do término da atividade. Foi uma forma de interação bastante comentada. Os dados revelaram que, nessa idade, as posturas expressam grande parte da afetividade, embora a linguagem oral predomine nas interações em sala de aula e tenham desempenhado um papel fundamental nas relações observadas. Na verdade, as posturas corporais complementaram e deram maior significado ao que era dito oralmente. Quanto aos conteúdos verbais, observou-se que os que tinham por objetivo incentivar e apoiar os alunos durante as atividades foram os identificados com maior frequência. Ambos se referem às interações verbais que tinham por objetivo encorajar, envolver e ajudar os alunos, no sentido de fornecerem elementos que favorecessem uma constante elaboração. Nesse sentido, infere-se que existiu, por parte das professoras, maior preocupação com o processo de execução da atividade e não apenas com o resultado final. Os comentários dos alunos evidenciaram que a qualidade da interação professor-aluno traz um sentido afetivo para o objeto de conhecimento e influencia a aprendizagem. As professoras, por sua vez, demonstraram a preocupação de encorajar os alunos a investirem no próprio aprendizado, confiando na



capacidade de cada um e fortalecendo a autoestima, como também exploraram de maneira positiva o desejo de aprender e o interesse em fazer.

No trabalho de Santos (2011) todos os seis professores pesquisados foram unânimes em falar da importância da afetividade na postura do educador. O participante 5, como identificado pela autora, deixou claro que considera a afetividade do educador um vínculo facilitador para ampliar e desabrochar potencialidades da criança deficiente. Mais que isso, os participantes ainda afirmaram que este fato não é exclusivo da educação especial, mas em toda educação e independente da sua fase. A autora concluiu indagando reflexivamente acerca das respostas obtidas que não se pode negar a importância da afetividade que o professor contemporâneo deve apresentar em sua prática pedagógica e que muito mais importante que ensinar é criar um ambiente acolhedor que propicie o aprendizado, e para tal é preciso ouvir e dar o apoio afetivo d¹⁶ que a criança necessita nas diversas situações em sala de aula pois, somente com este apoio e respeito às emoções trazidas pelos alunos, é que é alcançado o objetivo da educação que é o aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se assume que o processo de aprendizagem é social, o foco desloca-se para as interações e os procedimentos de ensino tornam-se fundamentais, o que afeta profundamente as relações professor-aluno, influenciando diretamente o processo de ensino-aprendizagem. O comportamento do professor, em sala de aula, expressa suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos, desejos que afetam cada aluno individualmente.

A sala de aula é um espaço onde professores e alunos convivem diariamente, onde o sujeito aprende e se envolve ativamente no processo de ensino-aprendizagem por meio das interações sociais que mantém com os outros e com os objetos do conhecimento. No entanto, o sucesso dessa construção vai depender basicamente da qualidade dessas relações. (LEITE, 2006).

Wallon e vários autores, estudiosos de sua psicogênese, já afirmaram que é possível atuar sobre o cognitivo via afetivo e vice-versa. Nesse sentido, torna-se evidente que condições afetivas favoráveis facilitam a aprendizagem.



Nesse sentido, como defende a teoria psicogenética de Wallon (2007), a dimensão afetiva não pode ser considerada separada da inteligência. Segundo esta perspectiva teórica, a evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, assim como a evolução da inteligência depende das construções afetivas. Assim, a dimensão afetiva está sempre presente afetando o processo de ensino-aprendizagem e sendo este sempre afetado por ela. (OLIVEIRA, 2005).

Desta forma, podemos afirmar que a afetividade favorece positivamente a compreensão e possibilita a promoção de uma experiência também positiva da aprendizagem. Estes resultados estão de acordo com os achados de Santos (2011) e Tassoni (2000), onde inclusive a última autora afirma que tais resultados obtidos podem ser ampliados focalizando o processo de aprendizagem de uma maneira geral e defende que a afetividade que se manifesta na relação professor-aluno constitui sim um elemento inseparável do processo de construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- FERNANDÉZ, A. A inteligência aprisionada. Artes Médicas. Porto Alegre, 1991.
- FREIRE, P.; Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LEITE, S. A. S.; Dimensões afetivas na relação professor-aluno In: FALCI, D. C. Afetividade e condições de ensino: histórias de professores inesquecíveis. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.
- SANTOS, M. L.; A importância da afetividade na inclusão de alunos com deficiência visual na educação infantil. Monografia do curso de especialização em desenvolvimento humano, educação e inclusão. UAB/UNB, Brasília, 2011.
- OLIVEIRA, G. K.; Afetividade e prática pedagógica: Uma proposta desenvolvida em um curso de formação de professores de educação física. Tese (Doutorado) - PUC, São Paulo, 2005.
- PIAGET, J.; Os estágios do desenvolvimento intelectual da criança e do adolescente. In: Piaget. Rio de Janeiro: Forense, 1972.
- TASSONI, E. C. M. Afetividade e aprendizagem: A relação professor e aluno. Anuário 2000. GT Psicologia da educação, Anped, setembro, 2000.
- VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fortes, 1984.
- WALLON, H. A evolução psicológica da criança. Edições 70. Lisboa, 1968.



_____ As Origens do Caráter na Criança. Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1971.

_____ Do ato ao pensamento. Moraes Editores. Lisboa, 1978.

_____ A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.